Recreação filológico-linguística com a geração de Cenáculo

Maria Filomena Gonçalves
Universidade de Évora
mfg@uevora.pt

Resumo

Esta comunicação centra-se no contributo de Frei Manuel do Cenáculo e da sua 'geração' para os estudos filológicos e linguísticos, visando demonstrar em que medida a produção metalinguística destes eruditos constitui uma fonte relevante não só para o conhecimento da língua culta setecentista como também para a história das ideias linguísticas em Portugal.

Inscrito no âmbito do projecto *Os Livros e as Bibliotecas no espólio bibliográfico de D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)*, POCTI/HEC/56279/2004, ademais de apontar os principais *tópoi* da actividade metalinguística daquela 'geração ilustrada', este trabalho aduz exemplos do valor da correspondência de/para Cenáculo e do seu Diário.

Abstract

This paper focuses on the contributions of Friar Manuel do Cenáculo and his 'generation' to linguistic and philological studies, aiming at demonstrating the extent to which the metalinguistic production by these scholars constitutes a relevant source not only to the knowledge of the refined language of the 18th century as well as to the history of linguistc ideas in Portugal. A component of the project *The Books and the Libraries in the bibliographical estate of Friar Manuel do Cenáculo* (1724-1814), POCTI/HEH/56279/2004, besides identifying the main *topoi* of the metalinguistic activity by that 'erudite generation', this paper presents examples of the value of correspondance to/from Cenáculo an his Diaries.

1. Com um título que evoca uma das obras emblemáticas do espírito setecentista – a *Recreação Filosófica* (1757), do Pe. Teodoro de Almeida –, este trabalho vida demonstrar o contributo de Frei Manuel do Cenáculo e da sua 'geração' para os estudos filológicos e linguísticos e inscreve-se no projecto *Os Livros e as Bibliotecas no espólio bibliográfico de D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)*, POCTI/HEC/56279/2004.

Da biografia de Cenáculo (Marcadé 1978), que viveu entre 1724 e 1814, sobressaem três linhas de actuação: a pedagógica, a política e a pastoral. A primeira não deixou de percorrer as outras duas, já que Cenáculo, na qualidade de Superior Provincial da Ordem Terceira de S. Francisco, foi responsável pela reforma dos estudos dessa congregação religiosa. Como Bispo de Beja, entre 1770 e 1802, e, depois, como Arcebispo de Évora também se desdobrou numa intensa actividade pastoral à qual imprimiu igualmente um cunho pedagógico, consoante espelham as suas *Instruções Pastorais*. Foi Presidente da Real Mesa Censória, criada em 1768, e membro da Junta de Instrução Literária, cargos políticos não isentos de intervenção pedagógica. Coleccionador de livros e 'construtor de bibliotecas' (Vaz 2006), envolveu-se directamente na fundação da Real Biblioteca, hoje Biblioteca Nacional, a Biblioteca Pública de Beja, a Biblioteca da Real Academia das Ciências e, em particular, da Biblioteca Pública de Évora, para a qual contribuiu com um fundo bibliográfico em torno dos 100.000 volumes. Concebida a biblioteca como a "casa do saber"[1], vale dizer, como verdadeiro espaço público consagrado à cultura, em sentido lato, não surpreende que, a par das colecções de livros igualmente pretendesse Cenáculo reunir acervos museológicos que contivessem elementos naturais, obras de arte ou peças arqueológicas.

2. De definição complexa e não isenta de problemas, o conceito de 'geração' determinar-se-á menos pela rigorosa contemporaneidade dos autores do que pela sintonia ou afinidade ideológica entre intelectuais que partilharam preocupações ou se interessaram por certos assuntos ou problemas, fosse no plano das reformas dos estudos, fosse no da reflexão/produção metalinguística. Na verdade, a própria intervenção social dos intelectuais desta 'geração ilustrada' põe de manifesto uma série de 'traços identitários' configuradores de uma 'geração', sem que tal signifique absoluta comunhão ideológica – veja-se o regalismo de alguns (Vaz 1992) – ou total sintonia quanto ao ideário metalinguístico. Por 'geração' entende-se aqui uma plêiade de homens cultos que, tendo nascido até duas décadas depois de Cenáculo (1724-1814), a dado passo do seu percurso vital partilharam e cruzaram saberes que iam do humanístico ao científico. Graças à correspondência de/para Cenáculo (Gusmão 1944-1956), é hoje bem conhecida a relação intelectual existente entre o Arcebispo de Évora e os seus

[1] A Livraria eborense tem precisamente como divisa *Sedes sapientia*.

contemporâneos. Muitos destes, tal como Cenáculo, eram homens de Igreja e estiveram na órbita do poder. Sob o signo ideológico do Iluminismo, tocou-lhes viver um tempo de mudanças epistemológicas que se repercutiram, não menos que as sociais, políticas, económicas e pedagógicas (Calafate 2001; Araújo 2002), quer na própria língua, quer na produção metalinguística. Quanto a esta, Setecentos foi um período particularmente fértil, situação a que não seria alheio o espírito reformador, manifestado logo em 1746 no *Verdadeiro Método de Estudar*. Mas é graças à legislação pombalina que a língua passa a ocupar uma posição relevante na chamada 'agenda política'. Com efeito, sob a égide do Marquês de Pombal, o ensino da língua, o da gramática em especial, seria colocado ao serviço do poder, passando a estar no cerne da reforma pedagógica. Isso explicará que a geração de Cenáculo tenha sido tão pródiga não só em textos metalinguísticos canónicos – gramáticas, ortografias e dicionários –, verdadeiros instrumentos normalizadoras e codificadores, como também em textos de configuração e escopo distintos, a saber, discursos, memórias académicas, diálogos, etc. Embora a Cenáculo não se lhe conheça propriamente produção de natureza metalinguística, a verdade é que, no âmbito das reformas que propôs, não deixam de comparecer matérias que caberiam na Filologia oitocentista.

Pondo de remissa as diferenças, os intelectuais da geração de Cenáculo partilham dos seguintes traços: reformismo pedagógico, produção de materiais escolares em conformidade com as novas coordenadas do gramaticalismo e do pensamento linguístico em geral, intenção normalizadora/codificadora da língua e compilação da memória linguístico-literária. De facto, para lá dos desfasamentos cronológicos, das distintas formações e dos diversos interesses filológico-linguísticos, a atitude anti-escolástica, reformista e 'ilustrada' de D. Frei Manuel Cenáculo Villas Boas, não diverge, ao menos no âmbito pedagógico, da que pautava nomes bem conhecidos na Historiografia da Língua Portuguesa (Fávero 1996; Diogo 1996; Gonçalves 2003): Francisco José Freire, também conhecido como Cândido Lusitano (1719-1773), António das Neves Pereira (17?-1818), Pe. Teodoro de Almeida (1722-1804), António Pereira de Figueiredo (1725-1797), Frei João de Sousa (1735-1812), Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), Francisco Dias Gomes (1737-1816), Bento José de Sousa Farinha (1740-1820), António Ribeiro dos Santos (1745-1818), Joaquim de Fóios (1733-1811), Pedro José da Fonseca (1737-1816), Pedro José de Figueiredo (1762-1826), Morais Silva (1755-1824) e Frei Francisco de S. Luís, o Cardeal Saraiva (1766-1845). Salvo Cândido Lusitano, todos assistiram à mudança de século; o mais distante de Cenáculo é

o Cardeal Saraiva, nascido na década de sessenta do século XVIII, conquanto o seu ideário linguístico seja inequivocamente setecentista.

Como referido antes, muitos destes intelectuais eram homens de Igreja. Entre os oratorianos sobressaem Teodoro de Almeida e Pereira de Figueiredo: o primeiro é o já mencionado autor da *Recreação Filozofica* (10 vols.), ambicioso projecto enciclopédico e pedagógico que contemplava a fonetização da ortografia portuguesa (Gonçalves 2003), a tom com a simplificação proposta para o ensino; o segundo notabilizou-se pela produção de manuais destinados ao ensino da língua latina e pela intervenção na polémica setecentista da gramática latina[2] (Gonçalves 2006). A estes junta-se o também oratoriano Francisco José Freire, famoso pelas inúmeras traduções, assim como pela sua *Arte Poética* (1748), na qual traça uma teoria sobre o "bom gosto". Mas a atitude ideológica e a produção metalinguística dos congregados apenas se poderá compreender no quadro da disputa pedagógica com os Jesuítas, porque mesmo antes do encerramento dos colégios inacianos, os Néris já haviam adquirido o beneplácito do poder, vindo depois a ter um papel preponderante na chamada 'política linguística' do pombalismo, vale dizer, nas várias reformas dos estudos. É bem conhecida a participação dos oratorianos na polémica em torno do ensino da gramática latina (Andrade 1982), entre eles o próprio Pereira de Figueiredo, para quem, a exemplo de Cenáculo, a pedagogia e a política eram instrumentos ao serviço da reforma das mentalidades.

Irmanados nos objectivos do chamado Iluminismo pedagógico e linguístico de Setecentos, que se estendeu até à centúria seguinte, aos nomes atrás referidos ficou associada parte significativa da produção relativa à língua portuguesa, que vai do pombalismo até ao período liberal. Para se aquilatar a abrangência das linhas de força da agenda (meta)linguística deste período, bastará o rol de alguns dos títulos vindos a lume entre os meados do século XVIII e a década de 30 da centúria seguinte:

• Teodoro de Almeida (1751-1800): *Recreação Filozófica ou Diálogo sobre a Filozofia Natural para a instrução de pesoas curiozas que não frequentárão as aulas.*

• António José dos Reis Lobato (1770): *Arte da Grammmatica da Língua Portugueza.*

• Fr. Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783): *Grammatica Philosophica da Língua Portugueza.*

---

[2] Veja-se o opúsculo intitulado *Defensa do Novo Methodo de Grammatica Latina contra o Anti-Prologo critico* […], Lisboa, Na Oficcina de Miguel Rodrigues, publicado em 1754 sob o pseudónimo de Francisco Sanches.

• Bento José de Sousa Farinha (1788/1794): "Vayas feitas á Barbaridade de Alguns Portuguezes" (*Jornal Encylopedico*); "Diálogo sobre a Lingoa da Lingoa Portuguesa em que são interlocutores Joaõ, Avô, e Júlio Neto" (Vaz 1992).

• Frei João de Sousa ([1789][2]1830/1790): *Vestigios da Lingoa Arábica em Portugal ou Lexikon Etymologico das palavras, e nomes portuguezes*; *Documentos Arábicos para a Historia Portugueza copiados dos originaes da Torre do Tombo* […].

• António das Neves Pereira (1792/1793): "Ensaio Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servem os nossos bons escriptores dos séculos XV e XVI e deixaram esquecer os que se seguiram até ao presente". In: *Memorias de Litteratura* IV, 339-446; "Continuaçaõ do Ensaio Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servíraõ os nosso bons Escritores do Seculo XV e XVI; e deixáraõ esquecer os que a seguíraõ até ao presente", *Memorias de Litteratura*, V, 152-252; "Ensaio sobre a Philologia Portuguesa por meio do Exame e Comparação da Locução e Estylo dos nossos insignes poetas que floreceram no seculo XVI" (*Memorias de Litteratura*, V, 1-151).

• António Pereira de Figueiredo (1792-1793) Espirito da Lingua Portugueza. Extrahido das Décadas do insigne Escritor João de Barros (Memorias, t. III, 111-226); João de Barros. Exemplar da mais solida Eloquencia Portugueza (Memorias, t. IV, 1-25).

• Francisco Dias Gomes (1792): "Analyse e combinações filosóficas sobre a elocução, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões […]" (*Memorias de Litteratura*, IV); "Ensaio sobre a filologia Portugueza por meio do Exame e comparação da Latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos Lusitanos", *Memorias de Litteratura,* XII, Parte I, 1- 43).

• Joaquim de Fóios (1792): "Memoria sobre a Poezia bucolica dos Poetas Portuguezes" (*Memorias de Litteratura*, I).

• Pedro José da Fonseca (1799): *Rudimentos da Grammatica Portugueza*.

• Pedro José de Figueiredo (1799): *Arte da Grammatica Portugueza*.

• António de Morais Silva[3] (1789/1806): *Diccionario da Língua Portugueza*; *Epitome da Grammatica Portugueza*.

[3] Natural do Rio de Janeiro, a formação do primeiro lexicógrafo da língua portuguesa faz-se em Coimbra. Além disso, a sua obra lexicográfica e gramatical alinha pelos mesmos princípios que norteiam a produção metalinguística do mesmo período (Murakawa 2006).

• António Ribeiro dos Santos (1814): "Das origens, e progressos da Poesia Portugueza", *Memorias de Litteratura***,** VIII, 1814, pp. 234-251.)

• Jerónimo Soares Barbosa (1822): *Grammatica Philosophica da Língua Portugueza ou Princípios da Grammatica Geral Applicados á nossa Linguagem.*

• Fr. Francisco de S. Luís, Cardeal Saraiva ([3]1828-1838): "Ensayo sobre alguns synonimos da lingua portugueza", *Memorias*; "Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com juizo critico das que são adoptaveis nella", *Memorias***,** IV, Parte II, 1-146;

• S. Luís, Fr. Francisco de (1837): "Memoria em que pretende mostrar, que a Lingua Portugueza não he filha da Latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos Lusitanos", *Memorias de Litteratura Portugueza publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. XII, Parte I. Lisboa: Officina da Academia, 1- 43.

Pequeníssima amostra da produção metalinguística em Setecentos, os títulos acima remetem para a maioria dos *topoi* do pensamento linguístico do século XVIII. As gramáticas de Melo Bacelar (1783), de Morais Silva (1806) e de Soares Barbosa (1822), esta última publicada seis anos após a morte do seu autor, são fruto do mesmo "filosofismo gramatical" (Torres 1998: 125) de que já se reclamara Lobato (1770), ainda que este não rompesse propriamente com o cânon da descrição das declinações latinas. Com efeito, à gramática setecentista está subjacente, *mutatis mutandis*, o mesmo ideal racionalista que em Freire (1773/1842), Neves Pereira (Barros 1997; Gonçalves 2002; 2005), Francisco Dias Gomes, António Pereira de Figueiredo (1793) suscitou a indagação do genuíno vocabulário português, levando-os a joeirar a memória quinhentista e seiscentista em demanda do português legítimo, entretanto abastardado devido à entrada de elementos exógenos (i.e.galicismos) e à revitalização abusiva de elementos endógenos 'desfuncionalizados' (i.e. arcaísmos). Contra a "francezia" (i.e. o galicismo) já se perfilara Cândido Lusitano, reconhecido purista, seguido por Neves Pereira (Gonçalves 2005), que ao assunto dedicada parte de uma Memória académica, e, mais tarde, por João Pedro Ribeiro (1758-1839), influenciado pelo Cardeal Saraiva, cujo *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza* traduz bem a extensão vocabular, sintáctica e semântica do problema do francesismo a finais do século XVIII (Vilela 1981; Gonçalves 2005). O intuito de restituição da língua a um estado de pureza traduzir-se-ia, por outro lado, na procura das origens linguísticas e literárias, consoante indicam os estudos de Joaquim de Fóios, Dias Gomes ou António Ribeiro dos Santos.

Interessado nos problemas relativos ao parentesco linguístico, este último seria, sob o influxo do já referido Cardeal Saraiva, um arauto da filiação do português na língua celta – a chamada "celtomania"[4] (Gonçalves 2001) –, teoria que, importada de França, não deixou de causar polémica em Portugal (Schäfer-Priess 2004). Por outro lado, da indagação da memória linguística e literária resultaria uma série de repertórios lexicais, tanto gerais como específicos, conforme mostram as obras lexicográficas de Melo Bacelar (1783), Morais Silva (1789), a Academia (Letra A, 1793) e Fr. João de Sousa (^{2}1830).

Pautado pelo racionalismo, o gramaticalismo de Setecentos visava não só a universalidade como a economia dos princípios e das regras, ideias consonantes com a fonetização da ortografia, que assim se pretendia devolver à primitiva correspondência fono-grafémica. Bom exemplo da simplificação ortográfica é a já referida *Recreação Filozófica*, do Pe. Teodoro de Almeida, o qual, na esteira do sistema verneiano, divergia da 'etimologização' de um Madureira Feijó ou de um Monte Carmelo (Gonçalves 2003).

Os títulos acima arrolados representam, pois, trilhos metalinguísticos que se estendem da ortografia à gramática, do léxico à sintaxe, da apologia da defesa do vernáculo ao problema da diversidade linguística, da variação à normalização, da origem latina à importação vocabular, dos repertórios lexicais aos *corpora* textuais.

3. Afora a similitude de interesses filológico-linguísticos, os autores da geração de Cenáculo não raro estavam ligados por uma troca epistolar que permite traçar a evolução do pensamento destes homens, além de dar a conhecer as relações pessoais entre estes homens. A correspondência recebida/enviada por Cenáculo de/para vários eruditos da *inteligentsia* nacional é um exemplo cabal da relação intelectual e humana entre ilustrados portugueses e não só (Piwnick 1987)[5]. Constituído pelas cartas de/para Cenáculo e pelo Diário do Arcebispo de Évora, boa parte desse espólio continua inédito até hoje, com excepção da correspondência editada por Marie-Hélène Piwnick (1999). De indubitável interesse para a história da cultura e das mentalidades, pouco se tem atentado, no entanto, no valor filológico-linguístico deste epistolário à guarda da BPE, tarefa integrada no projecto *Os Livros e as Bibliotecas no espólio bibliográfico de D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)*, POCTI/HEC/56279/2004. Trazem-se aqui alguns exemplos dos materiais que têm estado a ser tratados com o objectivo de

[4] A este capítulo da historiografia da língua portuguesa já se referia José Leite de Vasconcelos (1929:).
[5] Sobre a troca epistolar entre Cenáculo y Mayans y Siscar, vide (Piwnick 1987; 1999) e Santos (2003).

demonstrar o valor historiográfico e linguístico do espólio de Cenáculo. Tais materiais têm-se revelado de uma riqueza extraordinária, seja no que tange ao papel do livro na circulação das novidades ideológicas, inclusive das linguísticas, seja no que toca ao conhecimento da língua setecentista (Pinto 1998), da qual se desconhece quase tudo devido à inexistência de *corpora* textuais representativos (Castro 1996: 136-137), sobretudo da língua não literária.

Entre as cartas dirigidas a Cenáculo vale a pena realçar as de António Pereira de Figueiredo, cuja correspondência está reunida no COD. CXI/2-11, da BPE. Junto com as cartas, ali se encontra um "plano para os estudos elementares", aspecto relevante se tivermos em consideração que Cenáculo elaborara o plano de estudos para a congregação dos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco (1769). Se a correspondência com Cenáculo mostra o fervor reformista de António Pereira, nome por que ao tempo era mais conhecido, não deixa de corrobora a intensa actividade do oratoriano, além de expor a estreita relação entre duas figuras de proa do Iluminismo português. Verdadeiro polígrafo, António Pereira de Figueiredo deixou 52 obras manuscritas e 90 obras impressas, algumas das quais registaram extraordinário trânsito editorial como aconteceu com o *Novo Metodo da Grammatica Latina*, com inúmeras reimpressões até 1868. Contudo, o denominador comum ao extenso rol de títulos do oratoriano é o reformismo, a cujo serviço pôs uma vasta erudição, norteada pelas "luzes da razão". Ofuscada pela sua intervenção na polémica da gramática latina, no que respeita ao vernáculo a produção de Pereira de Figueiredo inscreve-se na linha que já perpassa nas *Reflexões sobre a Lingua Portugueza* (1773), de Cândido Lusitano (Gonçalves 2003) e nas obras de Francisco Dias Gomes ou do Pe. Fóios, para só mencionar alguns dos que discutiram os problemas do uso e da norma. Mas a preocupação com o estado da língua pátria a finais do século XVIII decorria, também em Pereira de Figueiredo, da condenação dos padrões linguísticos, e literários ligados ao formalismo e ao conceptismo seiscentistas, tidos como responsáveis pelo desvirtuamento da língua pátria, situação agravada, desde inícios de Setecentos, pela imitação do 'estilo francês'. Atente-se nas palavras do Oratoriano:

> "Hum estylo finalmente, cuja epoca se deve deduzir daquelle tempo, em que preterida a liçaõ dos Escritores Estrangeiros á dos Patrios, começou, a dar-se por hum Portuguez rasteiro e insulso, todo o que naõ tivesse muitos, e mui sensiveis resabios do Dialecto francez" (Figueiredo 1793: 5).

4. Os manuscritos de António Pereira de Figueiredo encontram-se no Cod. CXI – 2-11, da BPE. O Prof. Banha de Andrade (1982: 561) já chamara a atenção para a peça nº 8 deste códice, que contém umas *Reflexões sobre como se deve ensinar a Grammatica Latina*, seguidas das *Reflexoẽs sobre o modo com que se deve ensinar a Retorica* e das *Reflexoẽs sobre o modo de ensinar as Primeiras Letras*. A respeito da datação destes Planos de Estudos já se tratou em outro lugar (Gonçalves 2006), motivo por que se põe de remissa esse aspecto, bem como a descrição material e conteudística dos manuscritos, aduzindo-se tão só uns excertos relevantes para a compreensão do pensamento reformista de António Pereira e da sua relação com Cenáculo.

Como referido antes, a personalidade reformadora de Pereira de Figueiredo transparece de modo fulgurante na correspondência dirigida a Cenáculo. Apesar das convenções próprias do género epistolar – fórmulas reverenciais de saudação e de despedida, por exemplo – e do código estilístico-retórico da época, a escrita do oratoriano não é isenta de algum humor e de muitas notas pessoais, para lá de abundantes referências aos livros e aos circuitos de aquisição.

Em carta dirigida a Cenáculo em 3 de Março de 1775, além de aludir à circulação dos livros franceses em Portugal, Pereira não disfarça o seu espírito anti-jesuítico:

> Taõbem appresentei ao mesmo Senhor [ao Marquês de Pombal] hum Exemplar da Memoria que se quis offerecer a Clemente XIV sobre o modo de levar ao fim o grande Negocio da Extincçaõ não só do Instituto, mas taõbem do Espirito Jesuitico. He a mesma, que V. Exª me fez o favor de me mandar ao Estoril em Francez.

Na mesma carta, são de realçar as referências a Arnault (filósofo e gramático) e as referências aos agentes da circulação do livro francês em Portugal – impressor e livreiro –, mostrando que os intelectuais portugueses, ao acompanharem as novidades editorais, também estavam a par das novas ideias, inclusive das linguísticas:

> Com isto estou na posse de repartir com Vª Exª dos bons & uteis Papeis, que este sabio Francez (Antoine Belle-Garde), continuamente me remette; e dezejo sinceramente contribuir […] ao adiantamento e progresso do novo Collegio de Jesus; tomo a confiança de apresentar a Vª Exª para a Livraria do mesmo Collegio das obras seguintes: dous tomos em 4º das obras do grande Arnault em que contem as suas Cartas. **He Ediçaõ que agora se trabalha em Lausane da Helvecia de todas as Obras daquele grande Homem**; e o Impressor promette dar cada trez mezes dous Volumes. & como Belle Garde significa **o grande empenho que tem, de que as Obras de Arnault se espalhem em Portugal**; e hum dos nossos Livreiros (que creio sería Bebeux) lhe disse que, de boa mente traría 30 ou 40 jogos, se estivesse seguro lhos deixariaõ passar. Eu que sei a estimaçaõ que**, o S. Marquez e Vª Exª** fizeram sempre das Obras de toda a Escola de Port-Royal; creio que Vª Exª naõ terá dúvida, de que eu assegure a Belle-Garde da facil admissaõ dellas neste Reino.

Na carta em apreço, Pereira de Figueiredo retoma a crítica aos Jesuítas e alude à Reforma dos Estudos. Leiam-se as palavras do oratoriano:

foi subiria […] a **que**

[…] quando **julguei os Planos de Vª Exª dignos de se traduzirem em hua Lingua universal**; porque depois de traduzidos e espalhados os Estatutos de Coimbra, julguei que cresceria e muito de ponto entre as Nações estranhas em conceito e admiraçaõ dos nossos adiantamentos // noticia de dos Planos de Estatutos saõ os Elementos de toda a Historia Litteraria. **E he precizo com Reforma dos Estudos deixemos á posteridade huma Prova authentica, de que com a extincção dos Jesuitas tudo convalesceo e melhorou**.

Para encerrar esta sumária exemplificação do interesse historiográfico deste género de fontes, mostra-se o ex-libris do "Diário" de Cenáculo, um fólio do seu diário e uma carta de Pereira de Figueiredo a Cenáculo (Cf. Anexos).

5. Uma breve nota final, sem pretensão de ser conclusiva. Os exemplos aduzidos na primeira parte deste trabalho provam que, ao tempo de Cenáculo, os problemas relativos à língua vernácula tinham pleno cabimento na 'agenda reformista', espelhando esta a quase totalidade do ideário linguístico dessa época. Por último, os exemplos extraídos do epistolário associado ao nome de Cenáculo mostrou que este género de fontes – tão pouco estudado entre nós –poderá render bons frutos, quer à história da cultura portuguesa, quer à História e à Historiografia da Língua Portuguesa.

Referências Bibliográficas

Andrade, António Alberto Banha de (1982): *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*. Lisboa: INCM.

Barros, Anabela Leal (1997): "António das Neves Pereira, fonte de Tavares de Macedo". In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996), ed. Ivo Castro, vol. II, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 393-402.

Castro, Ivo (1996): "Para uma História do Português Clássico". In: *Congresso Internacional sobre o Português* (Actas), vol. II. Lisboa: APL, 135-150.

Diogo, Américo António Lindeza & Silvestre, Osvaldo Manuel (1996): *Rumo ao português legítimo. Língua e Literatura (1750-1850)*. Braga: Angelus Novus.

Fávero, Leonor Lopes (1996): *As concepções linguísticas no século XVIII. A gramática portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Gonçalves, Maria Filomena (2001): "A *celtomania*: um tópico da linguística romântica", In: *Diana – Revista do Departamento de Linguística e Literaturas*, 1-2, 41-58.

_____(2002): "La doctrina de António das Neves Pereira: purismo, vernaculidad y perfección en el siglo XVIII. In: *SEHL 2001. Estudios de Historiografía Lingüística (Actas del III Congreso Internacional de la Sociedad española de Historiografía Lingüística*, Vigo, 7-10 febrero de 2001), ed. M. Á. Esparza Torres, B. Fernández Salgado e Hans-Joseph Niederehe, 2. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 549-558.

_____(2003): *As ideias ortográficas em Portugal: De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT-Ministério da Ciência e Ensino Superior.

_____(2003): "As «Reflexões sobre a Língua Portugueza» (1773/1842) no contexto das ideias linguísticas do século XVIII. In: *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas* (Salamanca, 24-20 de septiembre del 2001), ed. F. Sánchez Miret, 5. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 181-189.

_____(2005): "Da 'francezia' ou o problema das palavras afrancesadas no século XVIII: as ideias de António das Neves Pereira". In: *Estudios Portugueses. Revista de Filologia Portuguesa*, 5, 45-62.

_____(2006): "As ideias pedagógicas e linguísticas de António Pereira de Figueiredo: os manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora". In: *Século das Luzes. Portugal e Espanha, o Brasil e a Região da Prata*, Biblioteca Luso-Brasileira, 24. Ibero-Americanisches Institut Preussicher Kulturbesitz, ed. W. Thielemann. Frankfurf am Main: TFM: 134-152.

Gusmão, Armando Nobre (1944-1956): *Catálogo da Correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*. Évora: Biblioteca Pública de Évora e Arquivo Distrital de Évora.

Marcadé, Jacques (1978): *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Éveque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português.

Murakawa, Clotilde de A. A. (2006): *António de Morais Silva: Lexicógrafo da Língua Portuguesa*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial da UNESP/Cultura Académica Editora.

Pinto, Rolando Morel (1988): *História da Língua Portuguesa. IV. Século XVIII*. Série Fundamentos. São Paulo: Editora Ática.

Piwnick, Marie-Hélène (1987): *Echanges érudits dans la Péninsule Ibérique (1750-1767)*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais.

_____(1999): "Mayans y la Ilustración portuguesa". In: *Actas del Congreso Internacional sobre Gregório Mayns* (Valencia-Oliva, 6 al 8 de mayo de 1999), coord. António Mestre Sanchis. Valencia: Publicaciones del Ayuntamiento de Oliva, 295-308.

Santos, Zulmira C. (2003): "Cartas, elogios e silêncios: termas da amizade ilustrada de Gregorio Mayans y Siscar (1699-1781) e Frei Manuel do Cenáculo, T.O.R. (1724-1814)". In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0, pp. 369-380.

Schäfer-Priess, Barbara (2004): "Zur „Keltomanie" in Portugal". In: *Sprachkontakte in der Romania*. Zum 75. Geburstag von Gustav Ineichen. Herausgegeben von Volker Noll und Sylvia Thiele. Tübingen: Max Niemayer Verlag: 259-257.

Torres, Amadeu (1998): *Gramática e Linguística. Ensaios e outros estudos*. Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Filosofia / Instituto de Letras e Ciências Humanas / Centro de Estudos Linguísticos.

Vaz, Francisco Lourenço (1992): *As ideias pedagógicas em Portugal nos fins do século XVIII – Bento José de Sousa Farinha*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa [dissertação de Mestrado].

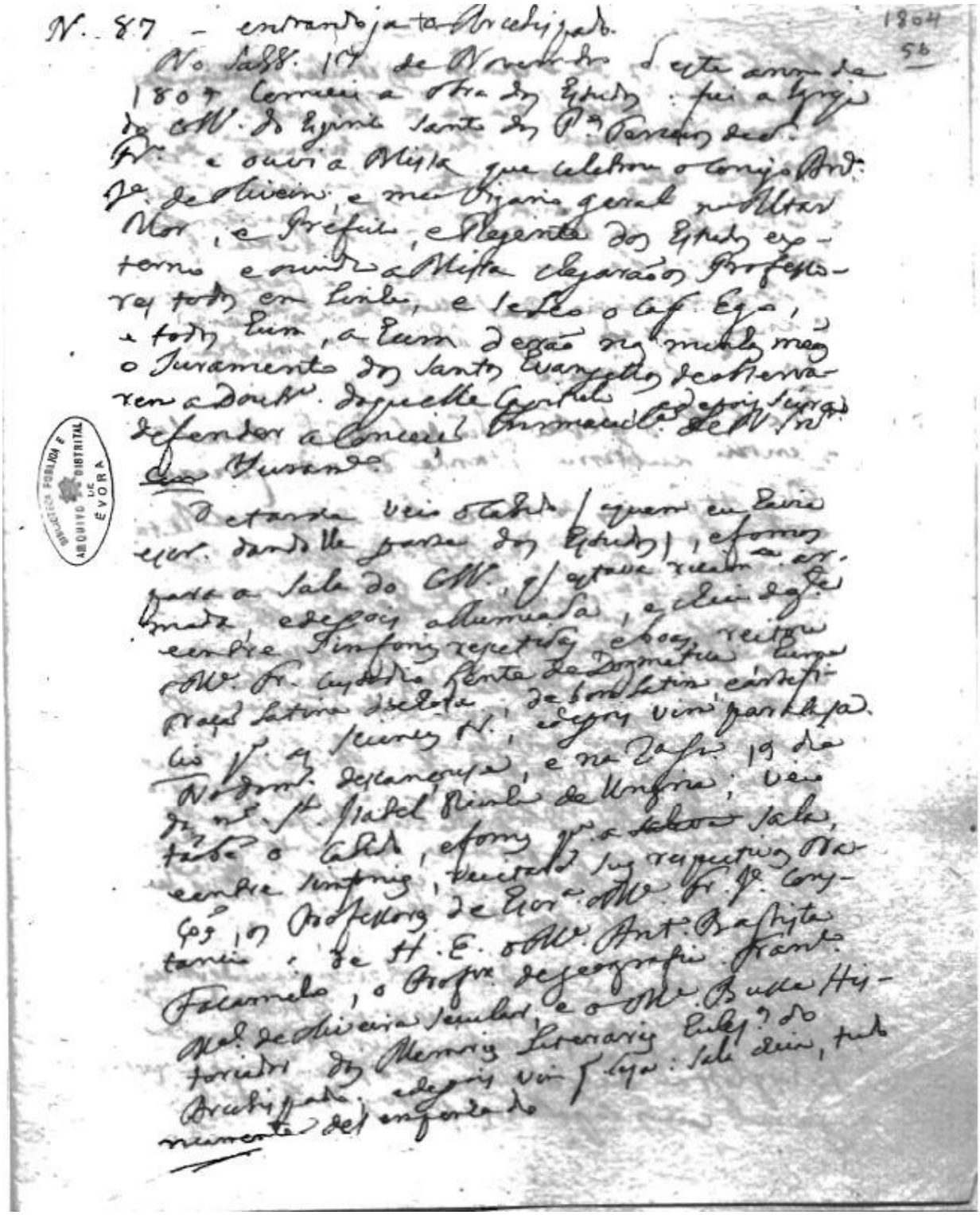
Vaz, Francisco Lourenço & Calixto, José António (2006): *Frei Manuel do Cenáculo – construtor de Bibliotecas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Vilela, Mário (1981): “ A «norma» purista no século XVIII (com base num exemplo)”. In: Revista de História, IV, 49-61.

Anexos

1. Ex-libris de Cenáculo

2. Diário de Cenáculo



3. Carta de António Pereira de Figueiredo a Cenáculo (28 de Abril de 1777)